

NANCILEIDE FERREIRA RODRIGUES¹.

¹ Universidade Theology & Science (ITS), Orlando - FL.

*E-mail: pranancileide@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica e aponta reflexões sobre o desafio diário de buscar estratégia criativa e interativa para desenvolver a aprendizagem dos alunos. Pretendeu-se com esse trabalho compreender os tipos de dificuldades de aprendizagem e suas principais causas. O presente texto teve a intenção de mostrar a rotina escolar e relatos dos alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem e remetem a comportamentos relacionados com desinteresse, indisciplina e rebeldia, porém na realidade a criança está tentando demonstrar as suas necessidades. A temática buscou entender os indivíduos com problemas neurológicos e distúrbios que afetam os mecanismos cerebrais envolvendo o entendimento, a memória ou até mesmo a comunicação, atingindo vários fatores de cunho estudantil e cultural. Também será abordado na referida pesquisa, a importância do papel do professor, a intervenção educacional e a parceria da família para obter êxito desse processo. O assunto tentou enfatizar que há muito o que conquistar e fazer no âmbito educacional, respeitando e ajudando aqueles que necessitam de uma atenção especial dos profissionais atuantes da educação e assim fazer com que a sociedade também se envolva com nessa perspectiva.

Palavras-chave: Educação, Dificuldades de aprendizagem, Intervenção.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS: CAUSAS E INTERVENÇÕES

INTRODUÇÃO

No decorrer da rotina escolar e dentro das relações interpessoais é comum ocorrer relatos sobre crianças e adolescentes que apresentam dificuldades na aprendizagem, que por muitas vezes remetem a comportamentos relacionados com desinteresse, indisciplina e rebeldia. De acordo com José e Coelho (1989) na realidade a criança está tentando demonstrar as suas necessidades, pois ela precisa de atenção e quando existem dificuldades, o tratamento para com ela necessita ser diferenciado.

Neste sentido os indivíduos em sua maioria não demonstram qualquer dificuldade no aprendizado, e isto pode estar relacionado tanto com atividades motoras e físicas, quanto com as atividades mais complexas, que envolvem cálculos, leitura e escrita. Mas existem fatores que podem influenciar dentro deste processo. (JOSÉ, COELHO, 1989).

José e Coelho (1989) ainda afirma que os indivíduos com problemas de aprendizagem, geralmente apresentam problemas neurológicos e distúrbios que afetam os mecanismos cerebrais que envolvem o entendimento, a memória ou até mesmo a comunicação a respeito de informações, atingindo vários fatores relacionais, de cunho estudantil e cultural.

Desta forma o objetivo geral da pesquisa é apresentar e descrever o que são as dificuldades de aprendizagem e os tipos de dificuldades existentes, percorrendo a respeito da prática educativa, o processo de escolarização, e o meio cultural em relação a estas dificuldades.

MÉTODOS

A metodologia utilizada para realizar este trabalho foi uma pesquisa bibliográfica, na qual foram utilizados livros, artigos científicos e obras relacionadas ao assunto em questão.

Para atingir o objetivo proposto da pesquisa, utilizou-se a análise qualitativa, pois, não tem por objetivo uma representação por números, tendo o foco na compreensão de um grupo social.

Considerações sobre as dificuldades de aprendizagem

O ato de aprender é algo natural do ser humano, vários fatores e fenômenos estão relacionados a esta ação, pois, para ser realizada necessita de capacidades e habilidades, portanto, entende-se que é um resultado neurológico e cognitivo. De acordo com Freitas, Pinto e Ferronato (2016) *“o desenvolvimento humano precisa ser compreendido como um sistema global, uno, considerando as inter-relações entre o biológico, o social, o fisiológico e o cultural”*.

Com base na fala do autor Freitas, et al. (2016), as questões relacionadas as dificuldades na aprendizagem não são especificamente por conta da construção educativa, de relações entre professor e aluno, pois são de ordem biológica e neurológica, apresentando sintomas e necessitando de análise cuidadosa e planejamento voltado para o ensino, com abordagem de acordo com os problemas de cada criança.

Os fatores que estão ligados as dificuldades de aprendizagem, tem correlação com problemas cerebrais e seu funcionamento irregular. Porém não existem somente causas de ordem patológica em relação às dificuldades para aprender, pois como Smith e Strick (2012) explicam, *“quando uma criança ou jovem demonstra ter dificuldades, é possível atribuir a muitos aspectos e em determinadas vezes até mesmo por problemas familiares, psicológicos”* e até mesmo a forma como a criança tem a compreensão das informações que lhe são transmitidas.

Smith e Strick (2012) ainda continuam esclarecendo que a dificuldade em aprender não é percebida imediatamente pelos pais ou professores, pois os indivíduos com estes distúrbios e transtornos, tem inteligência acima da média na maioria das vezes, na qual ocorre situações onde é possível acreditar que são capazes de assimilar qualquer tipo de conteúdo.

“Como resultado, seu desempenho na escola é inconsistente: acompanham ou mesmo estão à frente de seus colegas de classes em algumas áreas, mas atrás em outras. Embora os prejuízos neurológicos possam afetar qualquer área do funcionamento cerebral, as dificuldades que mais tendem a causar problemas acadêmicos são aquelas que afetam a percepção visual, o processamento da linguagem, as habilidades motoras finas e a capacidade para focalizar a atenção” (SMITH, STRICK, 2012, p. 16).

Os autores Smith e Strick (2012) elucidam que as dificuldades de aprendizagem podem ser classificadas em várias tipologias e ocorrem de sintomas combinados, e a intensidade aparece conforme a gravidade do caso. Os exemplos mais conhecidos de dificuldades de aprendizagem são: a dislexia, a disgrafia, a discalculia, a dislalia, a disortográfica e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Cada uma dessas dificuldades de aprendizagem atingem uma área do cérebro, afetando especificamente uma habilidade, que pode ser desde a fala até a concentração e a área emocional. Os comportamentos problemáticos são questões, que complicam e mostram mais gravidade em relação as dificuldades citadas. São observados alguns comportamentos constantes, dos quais são: falta de atenção, dificuldades para obedecer às regras, pouca habilidade psicomotora, fala desordenada, entre outros sintomas (SMITH, STRICK, 2012).

Dislexia

Para Leal e Nogueira (2012) a dislexia é um tipo de transtorno, que compromete as habilidades voltadas para a leitura. Inicialmente é possível observar, que estas dificuldades surgem durante a alfabetização e posteriormente a criança demonstra desinteresse por ler ou escrever.

“A dislexia começou a ser estudada no fim do século XIX pelos oftalmologistas ingleses Hinshelwood e Morgane, quando ambos estudaram casos de crianças com sérias dificuldades de aprendizagem de leitura. Nesse período, os oftalmologistas categorizaram esse problema como cegueira verbal, pautando-se em explicações que sugeriam que no cérebro existiam áreas separadas para diferentes tipos de memória” (LEAL, NOGUEIRA, 2012, p. 76).

Os autores Leal, Nogueira (2012) revelam que o profissional psicopedagogo é quem faz um acompanhamento da criança nas instituições de ensino, auxiliando a respeito das atividades e estratégias para um desenvolvimento favorável. É realizado um tipo de tratamento específico, voltado para leitura e escrita.

Disgrafia

A disgrafia, conceitualmente, é distúrbio ligado a uma falha na aquisição da escrita. Durante a fase de alfabetização é possível diagnosticar este distúrbio e o psicopedagogo é um profissional capacitado para acompanhar as crianças com esta problemática (LEAL, NOGUEIRA, 2012).

Este distúrbio é caracterizado por dificuldades específicas na escrita e também na ortografia. Apresentam erros de ortografia, como trocar, omitir, acrescentar ou inverter letras. Dentro do quadro de características da disgrafia estão problemas com a motricidade ampla e fina, que são capacidades motoras. *“As principais causas da disgrafia são a sequencialização, que implica na falha perceptual, acarretando dificuldades no processamento sequencial da informação recebida e na sua forma de organização, e o processamento” (LEAL, NOGUEIRA, 2012).*

Professores e Psicopedagogos são procurados pelos pais após a descoberta deste distúrbio, e o aluno com este tipo de problema necessita passar por um tipo de reeducação da escrita, com uma série de atividades específicas, com intencionalidade e adequação de

sua caligrafia, para que seja possível estar dentro dos parâmetros aceitáveis de acordo com o pensamento de Leal, Nogueira (2012).

Discalculia

Este tipo de distúrbio faz com que a criança apresente problemas para realizar operações matemáticas e organizar os números de acordo as regras de cálculos, que podem por sua vez prejudicar a evolução estudantil. As causas provêm de comprometimentos neurológicos e conforme pesquisas recentes, a discalculia está cada vez mais presente nas instituições de ensino como elucida os autores Franceschini, et al. (2015).

Os estudos e intervenções, para tratar distúrbios relacionados à cálculos matemáticos ainda continuam, muito recentes, conforme a afirmação do autor, as ações educativas são fundamentais para contribuição de uma melhoria na evolução dos estudantes (FRANCESCHINI, et al., 2015).

Lembrando que, os professores têm um papel importante na identificação e no atendimento segundo o pensamento de Francischini, et al. (2015), contudo tal ação deve estar adequada a necessidade do aluno, na qual, depende de monitoramento constante, e mediação por meio de linguagem verbal.

Dislalia

Para os autores José e Coelho (2009) a dislalia é um distúrbio que afeta as funções da fala, dificultando a pronúncia de sons e palavras. Os alunos que enfrentam esse distúrbio trocam sons ou omite fonema e podem ter alterações de formação orgânica ou até mesmo causas de ordem funcional. Para avaliar ou tratar qualquer tipo de dislalia é necessário fazer um exame fonético, através de diálogos e lista de palavras para serem lidas ou repetidas.

Menciona-se, que o tratamento deve conter exercícios com língua, lábios e cordas vocais, iniciando nos primeiros anos escolares, na pré-escola, para prevenir eventuais comprometimento da escrita futuramente (JOSÉ, COELHO, 2009).

Disortografia

Os autores Fernandez, et al. (2009), afirmam em sua obra que a disgrafia é definida como uma incapacidade para a escrita da linguagem oral, além da dificuldade para

composição ortográfica, envolvendo também outras dificuldades. Crianças com este problema, em sua maioria também sofrem de dislexia. A criança escreve de forma incorreta e demonstra alterações que são voltadas para dificuldades de habilidades linguísticas.

“A disortográfica quando não está associada ao quadro de dislexia do desenvolvimento ou distúrbio de aprendizagem é rara, entretanto, muitos escolares apresentam alterações na escrita em decorrência de a escola não enfatizar o ensino da ortografia pela frágil fundamentação teórica e prática de seus educadores” (FERNANDEZ, et al., 2009, p. 3).

Fernandez, et al. (2009) relata que a intervenção docente e clínica deve ser específica para a linguagem escrita e ter conhecimento aprofundado na língua portuguesa, porém o foco principal é o desenvolvimento da ortografia e habilidade fonológica.

TDAH

O TDHA é um distúrbio que envolvem falta de atenção, hiperatividade, e comportamento instável. Por conta de ter pouca atenção, estar sempre distraído com algo, a criança não é compreendida, tida como indisciplinada, que não tem interesse em estudar. É inicialmente, de origem genética e congênita conforme Stroh (2010) esclarece.

“O TDAH é um transtorno Neurobiológico, em que, o córtex pré-frontal direito é um pouco menor nas pessoas que apresentam este transtorno. Disfunção de execução é o mesmo que inabilidade neural, quer para inibir, quer para concluir uma determinada ação ou projeto. Portadores de DDA são incapazes de controlar seus impulsos com relação aos seus comportamentos, sejam os de fazer ou os de não fazer” (STROH, 2010, p. 85)

Stroh (2010) explica que o tratamento específico para o TDHA deve seguir as necessidades de cada criança, levando em consideração o trabalho conjunto, pois necessita de envolvimento da família e dos profissionais da educação. As estratégias para intervenção são essenciais, pois a qualidade de métodos e recursos é relevante para amenizar os sintomas deste transtorno. O psicopedagogo é um dos profissionais com a qualificação específica para realizar tratamento em crianças com TDHA.

A intervenção educacional

A escola deve estar preparada para receber crianças com dificuldades e transtornos de aprendizagem, buscando por métodos e estratégias que auxiliam durante o processo de escolarização. O trabalho educativo voltado neste sentido é complexo e trabalhoso, pois cada criança precisa de uma atenção em determinada área, cabendo a equipe pedagógica planejar atividades de ensino apropriados. Ter uma equipe qualificada na instituição de ensino é essencial, pois poderá atender a demanda de forma competente. (YAMANAKA, GONÇALVES, 2017).

“Em se tratando da aprendizagem dos alunos, os professores devem procurar uma maior interação entre si, sendo necessária talvez uma formação que auxilie o desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano” (YAMANAKA, GONÇALVES, 2017, p 31)

De acordo com os autores Yamanaka e Gonçalves (2017), o professor enfrenta um desafio, quando atende alunos com problemas de aprendizado, pois fazem adaptações em seus planos de trabalho para superar barreiras e diferenças, no sentido de inclusão. Dessa forma, é necessário, que preparem atividades diferenciadas, que facilitem a aprendizagem, apresentando para as crianças com dificuldades proporcionando um ambiente acolhedor, que estimule a busca pelo conhecimento.

Vale lembrar que, o psicopedagogo é um dos profissionais mais requisitados no ambiente de ensino para dar suporte no ensino de indivíduos com especificidades educativas. Sua intervenção é voltada para possibilitar o aprendizado dos alunos com dificuldades, dar suporte para a escola. Conforme explica Ribas (2018), a atuação do profissional da psicopedagogia, tem como principal foco, o aprender, analisando o contexto do ponto de vista individual e do coletivo, repensando as relações sobre o aprendizado, contribuindo neste sentido para evitar prejuízos educacionais.

É possível compreender que a escola como instituição de finalidades formativas direcionadas ao indivíduo, dentro dos aspectos social, psicológico e humano, tenha por objetivo principal a formação completa de todos os alunos, de acordo com direitos e deveres (YAMANAKA, GONÇALVES, 2017).

Dificuldades de aprendizagem e as questões culturais

Cordeiro (2007) aponta que o ensino e a aprendizagem não estão ligados somente a questões pedagógicas e didáticas, pois são processos que englobam vários fatores determinantes para que se possa chegar a determinadas finalidades. O aprender apresenta várias especificidades, pois deve-se observar os conceitos psicológicos e educativos em relação a cada indivíduo. Este processo é condicionado por estímulos e motivação, na qual o resultado poder levar ao aprendizado efetivo dos alunos, como também não poderá ser efetivado.

Cada indivíduo recebe informações e conhecimentos de formas diferentes, pois é necessário repensar que a diversidade é um fato dentro dos grupos sociais, em acordo com cada costume, linguagem e modo de viver. Segundo Cordeiro (2007) dentro do contexto do ensinar e aprender, o princípio das diferenças sociais e culturais devem ser considerados primeiramente, pois, crianças e jovens recebem ensino e aprendem de formas variadas.

“Quando se fala do processo de ensino e aprendizagem, corre-se o risco de adotar uma descrição idealizada, que tende a considerar isoladamente os atores sociais envolvidos. Assim, pensa-se muitas vezes que basta um professor bem preparado, com um bom planejamento e um bom domínio dos conteúdos e dos métodos, aliado a um conjunto de alunos individualmente motivados e dotados de condições prévias consideradas satisfatórias (tais como boa nutrição), posse dos pré-requisitos cognitivos e boa disposição, tudo se passará bem: o professor conseguirá ensinar e os alunos conseguirão aprender. [...]” (CORDEIRO, 2007, p. 97).

Neste sentido, Cordeiro (2007) esclarece que, se em uma sala de aula, um grupo de alunos não acompanham um conteúdo da mesma forma, podem existir dificuldades ou ritmos de aprendizado diferentes. Durante determinado período, quando alunos não conseguiam aprender os conteúdos ministrados nas escolas, acreditava-se que era um tipo de deficiência ou doença mental. As dificuldades na aprendizagem nem sempre foram definidas ou compreendidas por causas culturais ou sociais.

A escola é uma instituição que comporta determinados valores e funções, transmitindo até mesmo de forma oculta e institucionalizada, padronizando o ensino, e

impondo um aprendizado em grupo, sem considerar a individualidade dos alunos. De acordo com Pereira e Tacca (2010):

“Com a missão de socializar o conhecimento, optou-se por uma seleção e organização de conteúdos produzidos a serem transmitidos a todos num formato único e de maneira indistinta. Fica estabelecida, na escola, a ideia de que todos são iguais e devem aprender as mesmas coisas, ao mesmo tempo e da mesma forma. E àquele que porventura não segue o padrão estabelecido de aprendizagem idealizado pela escola resta ficar à margem do processo, sendo acompanhado constantemente de uma pergunta: Qual o problema deste aluno?” (Pereira, Tacca, 2010, p.2)

Em consonância com o pensamento de Tacca (2010), a sociedade com seus propósitos e mecanismo de poder, na maioria das vezes, não conseguem entender porque algumas crianças não conseguem aprender de maneira padronizada, e costumam questionar, buscando uma causa específica, ao invés de considerar a interação de uma série de fatores que se implicam. Podem ser várias, as causas que fazem com que a criança não aprenda, desde o psicológico até o cultural. Refletir sobre a cultura e a educação para crianças com dificuldades ou transtornos de aprendizado, nos remete as formas de pensar que foram difundidas desde os tempos remotos.

Tacca (2010) elucida que analisar problemas de aprendizagem em relação a cultura presente na escola e no meio social, é uma forma de compreender por que tantas crianças têm julgamento sobre sua performance escolar. O entendimento sobre tal, é de que a criança precisa aprender de qualquer forma. Na sala de aula existe a relação entre professor e aluno, onde saberes, linguagem e comunicação devem ser praticadas e recíprocas.

Ao professor fica a tarefa de transmitir os saberes, adequar a linguagem, se comunicando com seus alunos de forma eficiente, para que os objetivos educativos sejam alcançados. Chabanne (2006) afirma que o saber e a sua transmissão aos alunos, fazem parte de um processo na qual os alunos recebem informações, porém para alguns deles, a atenção sobre tal é difícil. A ideologia imposta ao aluno, compreende valores e ações, cobrando resultados e produções em relação aos conteúdos e atividades que a escola tem dentro do seu currículo.

As dificuldades de aprendizagem devem ser compreendidas como obstáculos a serem superados em conjunto, em uma ação entre equipe escolar e família, saindo do conceito de cultura social presente nas instituições de ensino e principalmente na sociedade em geral, considerando em primeiro plano, que o aluno constrói seu saber por meio de boas relações e experiências com o mundo e todos os aspectos que ele apresenta, valorizando as potencialidades e permitindo seu crescimento escolar (CHABANNE, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendeu-se no decorrer desta pesquisa que existem vários tipos de distúrbios e transtornos de aprendizado, sendo que cada qual tem singularidades, necessitando de atenção diferenciada por parte do professor. Espera-se que o professor analise as possibilidades de trabalho, as estratégias e planejamento adequados para cada aluno, levando em consideração as potencialidades individuais.

Acredita-se que os profissionais envolvidos para atender estes tipos de caso, tenham a atribuição de repensar na ação pedagógica, na qual deve ser voltada para amenizar as dificuldades e permitir a aquisição de saberes e conhecimentos de acordo com o ritmo de cada criança.

A conclusão nos leva a pensar sobre o trabalho em conjunto da escola, o atendimento especializado e o acompanhamento da família, no sentido de obter resultados favoráveis para a criança, e uma boa integração nas relações em todo espaço escolar como também nas práticas diárias de sala de aula.

REFERÊNCIAS

1. ASSUNÇÃO JE, COELHO MT. Problemas de aprendizagem. São Paulo, Ática, 1989; 232p.
2. CHABANNE JL. O aluno e a aprendizagem. In: Dificuldades de aprendizagem: um enfoque inovador do ensino escolar. São Paulo. Ática, 2006; 159p.
3. FERNÁNDEZ AY, et al. Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: revisão da literatura. Revista Cefac, 2010; 55(19): 3254-0342.
4. FRANCESCHINI BT, et al. Dificuldades de aprendizagem específicas Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia, 2015;118p.

5. FREITAS MF, et al. Psicologia da educação e da aprendizagem. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2016;196p.
6. NOGUEIRA MOG, LEAL D. Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico. Curitiba: Intersaberes, 2012;172p.
7. SILVEIRA DT, CÓRDOVA FP. Pesquisa Qualitativa In: Métodos de pesquisa. Organizadoras: Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009; 120p.
8. SMITH C, STRICK L. Dificuldades de aprendizagem de a-z: guia completo para pais e educadores. Tradução: Magda França. Porto Alegre: Penso, 2012; 321p.
9. STROH JB. TDAH-diagnóstico psicopedagógico e suas intervenções através da Psicopedagogia e da Arteterapia. Construção psicopedagógica. 2010; 105p.
10. TACCA MCVR. Além de professor e de aluno: a alteridade nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. In: SIMÃO e MARTÍNEZ (orgs). O outro no desenvolvimento humano. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004; p.39.
11. YAMANAKA MAC, GONÇALVES JP. O professor e sua prática frente às dificuldades de aprendizagem em sala de aula. Cadernos da FUCAMP, v. 16, n. 25, 2017; (34)3842-5272.